Discurso de posse no Instituto do Ceará

ELMO DE PAULA VASCONCELOS (*)

É com muita honra que assumo a condição de sócio efetivo do Instituto do Ceará, secular instituição cultural, a mais antiga do Ceará e que, através dos tempos, tem abrigado em seus quadros, algumas das mais altas expressões da cultura cearense.

Fundado em 1887 e tendo por objetivo estudar a História, a Geografia e a Antropologia, o Instituto tem realizado um imenso esforço no sentido de cumprir essa missão, estudando o Ceará nos seus aspectos geográficos e humanos.

Os ideais esposados pelos seus doze fundadores mantêm-se até hoje, nunca foram abandonados. São 113 anos de funcionamento ininterrupto. Uma de suas grandes realizações tem sido a edição de sua revista, a famosa RIC, publicação que goza de alto conceito nos meios científicos nacionais e internacionais.

Importante frisar também que, apesar de ser uma Instituição nascida no século XIX, ela atravessou muito bem o século XX e corajosamente apresta-se a enfrentar os desafios do século XXI. O segredo desta vitalidade, acredito, está nos homens que a compõem. Tomemos como exemplo a atual diretoria, cujo presidente, o coronel Paulo Airton de Araújo, além de realizar suas atividades normais na área cultural, acaba de ultimar uma grande reforma neste prédio e tem outros planos para o futuro. Como vemos é de fato, uma Instituição modelo, tem um passado brilhante, um presente muito atuante e se prepara confiantemente para o futuro.

Por tudo isto, sinto-me feliz ao ser admitido em tão admirável Instituição.

Senhores:

Manda a tradição e recomenda a norma estatutária que o primeiro dever do novo sócio seja traçar o perfil biográfico do seu antecessor.

(*) Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

O homem que venho substituir, o Professor Luís Teixeira Barros, foi um homem notável em muitos aspectos. Nasceu ele na cidade de Viçosa-CE no ano de 1920, foram seus pais Joaquim Alerano Bandeira de Barros e Maria da Glória Teixeira Barros. Estudou em Fortaleza no Colégio Castelo Branco e bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito do Ceará em 1944.

Apesar de seu pai ser Juiz de Direito, não quis ingressar na magistratura nem exercer a advocacia. Abraçou por vocação o magistério, dedicando-se também ao serviço público, onde exerceu altas funções.

Como funcionário do Estado, sua carreira foi longa e brilhante. Iniciou-se em 1947, quando foi admitido, por meio de concurso público, para o cargo de Técnico em Administração. Funcionário exemplar, galgou todas as posições pelo seu valor pessoal, chegando a ser diretor-geral do Departamento de Pessoal do Estado.

Como educador, sua carreira foi igualmente brilhante e produtiva. Foi Professor de História Geral do segundo grau em vários colégios: São João, Santa Isabel, Pe. Champagnat e outros. No magistério superior ingressou, através de concurso, na antiga Faculdade Católica de Filosofia, onde tive o privilégio de ser seu aluno. Foi também Professor da Faculdade de Ciências Econômicas, onde também ingressou através de concurso, no ano de 1961, para lecionar a cadeira de Evolução da Conjuntura Econômica.

Professor sério, justo e competente, sempre foi muito respeitado por seus alunos.

Outra face de Luís Teixeira Barros é a de escritor. Dedicado à História, muito pesquisou nosso passado. Dentre suas obras publicadas, destacaremos aqui as seguintes: A REVOLUÇÃO DE 1817 NO CEARÁ (1944) — IN MEMORIAM DE ISMAEL DE ANDRADE PORDEUS (1966) — HISTÓRIA DE VIÇOSA (s/d) — CONTRA O LOPISMO (1980), no qual procura esclarecer pontos controversos da Guerra do Paraguai — e PELA VERDADE HISTÓRICA (1986). Além desses trabalhos, publicou inúmeros artigos na imprensa de Fortaleza, abordando assuntos de História e Administração, matéria em que também era autoridade.

Luís Teixeira Barros ingressou no Instituto do Ceará em 1955. Como sócio efetivo, participou ativamente das reuniões e colaborou com artigos substanciosos em vários números da revista do Instituto. Lerei aqui alguns trechos de um artigo de sua autoria publicado na revista do Instituto, Tomo 103 — cujo título é "O 7 de Setembro".

"*Nem sempre os períodos cronológicos correspondem, com exatidão, à multiplicidade de fatos e fenômenos mais notáveis, que se processam na história de um país. O período imperial, no Brasil, a rigor, começa em 1808, com a vinda de D. João VI para as nossas plagas*".

Sobre a guerra da Independência diz:

"*D. Pedro teve que improvisar exército e armada, enfrentando problemas internos e externos de grande complexidade. E se resolveu tudo isto é tarefa que honra, sobremodo, os homens de 1822*".

Sobre o reconhecimento da Independência diz:

"*Não foi tarefa fácil o reconhecimento de nossa independência, em 1822 preponderava na Europa, uma política muito reacionária. A Santa Aliança via, com manifesta hostilidade, a independência dos países americanos. Houve mesmo um projeto dos mais insensatos. Cogitou-se de enviar uma expedição de 12 mil homens para recolonizar nossa terra.*

A Inglaterra pressionou tanto Brasil como Portugal, em relação ao reconhecimento de nossa independência. Afinal, depois de três anos de hesitação, Portugal, sempre por intermédio da Inglaterra, reconhece nossa independência e o Brasil ficou obrigado a pagar uma dívida de um empréstimo feito por Portugal à nação britânica no valor de 2 milhões de Libras".

Nas considerações finais do artigo escreve:

"*Os brasileiros de 1822 fizeram nossa independência política. Hoje, devemos realizar nossa independência econômica, tarefa árdua e complexa, que exige muito esforço e sacrifício. Mas é de tal tarefa que vai depender todo nosso futuro*".

O Professor Luís Teixeira Barros pertencia a outras Instituições Culturais, entre as quais a Sociedade Cearense de Geografia e História. Na sua vida privada foi um cidadão exemplar. Bom

cristão, por onde passou deixou a marca de um homem justo e probo. Casado com D. Maria do Carmo Pinheiro Barros, formou uma família muito bem estruturada. Os seus filhos muito honram o seu nome.

Neste momento rendo minhas homenagens ao Professor Luís Teixeira Barros, extensivas a seus familiares aqui presentes.

Sr. Presidente:

Substituir Luís Teixeira Barros é uma missão difícil, mas percebo que tenho com meu ilustre antecessor uma afinidade, qual seja a vocação para o magistério e para o estudo da História.

Como ele, considero a História mestra da vida, como a definiu Cícero ou como Benedito Croce a entendeu: é ciência, arte e filosofia.

E é nesta condição de estudioso da História que aqui me apresento. O Instituto do Ceará é histórico, geográfico e antropológico. Mas a História tem sido a sua atividade preponderante.

A História é também o território onde habito, onde vivo intelectualmente.

Desde os bancos escolares minha inclinação por essa ciência tornou-se manifesta. Na Faculdade de Filosofia a escolha formalizou-se. O magistério da História confirmou esta minha opção intelectual. Lecionei durante 35 anos, sempre estudando, aprendendo, pesquisando e encontrando um sabor novo em cada assunto. E é de História que eu vou falar...

Vejo a História sob três aspectos: do ponto de vista cronológico, narrativo-factual; do ponto de vista historiográfico, como os fatos foram registrados e interpretados e do ponto de vista da filosofia da História.

Como sabemos, a História é o passado, é a consciência do passado. É a lembrança, a lembrança organizada do passado.

Um povo sem história é o mesmo que um homem sem memória. A história é a memória social organizada. O passado existe pela consciência que temos dele, pelos registros que foram feitos.

A ciência histórica nasceu na Grécia. Foram os povos que habitavam aquela região, os eólios, aqueus e jônios que, influen-

ciados pelas condições geográficas e econômicas, e graças ao brilho de suas inteligências, produziram aquilo que Renan classificou como o "*milagre grego*". Foram eles que nos deram os fundamentos da Filosofia e das Ciências. Foram igualmente grandes artistas. Aos gregos devemos também o nascimento da ciência histórica, especialmente a Heródoto. Ele, de fato, foi o pai da História. Antes dele, a História era um relato quase fantástico. Foi ele que expurgou do relato histórico a lenda e o mito. Depois dele, a História passou a ser o registro dos atos humanos. Mais do que isso, ele deu à História um método científico, o "inquérito herodotiano" com o qual conseguiu quebrar as reservas que a inteligência grega tinha para com o conhecimento histórico, as barreiras do substancialismo que impregnava o pensamento filosófico grego.

Como sabemos a História é a ciência do fato único, eles não se repetem.

Os gregos achavam que o conhecimento histórico era acientífico, porque os fatos históricos não se repetiam, portanto não podiam ser experimentados. Assim sendo, privilegiavam o conhecimento matemático, que podia ser aplicado em qualquer lugar e em qualquer época. Heródoto demonstrou que o conhecimento histórico é um tipo de conhecimento específico, não percebido pelo pensamento matemático e nem pelo pensamento teológico.

Heródoto também influenciou a inteligência grega a conceber o tempo histórico como sendo retilíneo e não cíclico. Este conceito de tempo histórico retilíneo tem sido aceito através dos tempos e poucas vezes tem sido contestado.

Os demais historiadores gregos como Xenofonte e Tucídides, seguiram os passos de Heródoto.

Depois da Grécia, surge Roma com seus três períodos históricos: monarquia, república e império. Em quatro séculos ela se torna senhora do mundo antigo. O mar mediterrâneo torna-se o seu "mare nostrum". A historiografia romana, assim como a literatura e as outras artes, copiou o método e os modelos gregos. A historiografia latina era patriótica, exaltava Roma e sua missão imperialista. Percebe-se nela a sobrevivência de um certo grau de

substancialismo: Roma seria eterna, uma substância eterna, por isso digna de ser cantada. Mas fora essa característica, os historiadores latinos tiveram uma percepção linear da História.

Tito Lívio na sua "Ab Urbe Condita", mostra-nos a Roma invencível na sua marcha através da História; Tácito, deslumbrado com os germanos, descreve seus costumes; Plutarco, no seu livro "Vidas Paralelas", traça as diferenças entre gregos e romanos e Suetônio, em "A Vida dos 12 Césares", é o biógrafo e psicólogo inigualável. Finalmente Júlio César com os "Comentari De Bello Gállico", nos descreve em estilo conciso, próprio dos militares, as guerras contra os gauleses de Vercingetorix.

Em seguida ocorreu a primeira grande ruptura da História: a queda do Império Romano, motivada pela decadência do Império, pela propaganda pacifista do Cristianismo e pugnicidade das tribos bárbaras. A combinação dessas causas provocou o desfecho terrível. O fim do mundo antigo. Iniciou-se nova etapa histórica, a Idade Média.

Neste momento agitado, marcado pela vitória do Cristianismo frente ao paganismo, surgiu o primeiro grande filósofo da História: Santo Agostinho. Testemunha do saque de Roma pelos bárbaros, ele tem do acontecimento uma interpretação própria. Escreveu o famoso livro "A Cidade de Deus", no qual lança as bases de sua teoria: o providencialismo. Para ele, Roma caiu porque Deus quis castigar os homens pelos seus pecados. Tudo o que acontece é manifestação da vontade de Deus. Agostinho admite a intervenção de Deus na História. Esta concepção filosófica influenciou profundamente o pensamento histórico medieval e permeou a Patrística, o Tomismo e a Historiografia medieval representada pelos cronistas.

Idade Moderna:

No século XV, ocorre novamente outra ruptura histórica motivada pelas grandes invenções, os descobrimentos marítimos, o desenvolvimento do Capitalismo, o Renascimento e finalmente a Reforma Protestante.

Foi uma época maravilhosa, de grandes transformações, surgiram poderosas individualidades, homens geniais, artistas, reformadores, grandes conquistadores e também ilustres pensadores: lembremos Maquiavel, com o seu "Príncipe" pregando um amoralismo político; Hobbes, com o seu "Leviatan", apregoando o Estado forte em razão de reconhecer o homem lobo do próprio homem; Descartes, com o "Discurso Sobre o Método", pregando a razão como guia do homem e sua teoria das idéias inatas; Locke, no seu "Ensaio Sobre o Governo Civil", rebate Hobbes e lança os fundamentos da Democracia moderna e Bacon, com o seu "Novo Organon" sugere o método experimental.

Século XVIII:

Outro momento histórico importante em que vamos encontrar a Europa governada por reis absolutistas. A França pela sua riqueza, população e cultura era o maior país da Europa. Paris era a capital do mundo e Versalhes era o santuário do poder real. A Inglaterra, senhora dos mares, era sua rival.

No campo intelectual surgiram movimentos vigorosos que pregavam reformas. O Enciclopedismo e o Iluminismo. Figuras como Diderot, D'Alembert, Voltaire e especialmente Rousseau, que no "Contrato Social", estuda a origem do Estado e da Sociedade com uma nova visão, lançavam novas luzes sobre toda a Europa. Montesquieu antes já tinha pregado a divisão trinária dos poderes e realçado a importância dos fatores geográficos para a História. Leibiniz propôs a divisão de todo conhecimento humano acumulado até a sua época em duas grandes áreas: a das ciências exatas em torno da matemática, e a das ciências do espírito, em torno da História.

Cristovão Keller (Cellárius), desprezando as periodizações de origem religiosa, bíblicas, propõe a divisão trinária da História baseada nos fatos políticos, divisão esta aceita até hoje.

Na Itália, Gianbatista Vico em seu livro "Ciência Nova", elabora uma nova interpretação da história. Seu conceito de tempo é cíclico. Nele cada civilização passa obrigatoriamente por três estágios: a época dos deuses, dos heróis e dos homens. Mas tudo

seria obra da providência. Procurou conciliar essa sua teoria cíclica "a recorrência" com a teoria linear "o progresso". Para identificação desses períodos era preciso estudar não só a História política mas a língua, o direito, a religião, seus mitos, etc. As idéias de Vico muito enriqueceram o pensamento histórico.

Na Alemanha, depois que Kant lançou a sua CRÍTICA DA RAZÃO PURA, iniciou-se a chamada corrente do idealismo alemão, que teve em Ficthe, Schiler e Hegel seus grandes expoentes.

Ficthe afirmou: "*é para o presente que convergem as linhas do desenvolvimento histórico*". Percepção muito importante.

Voltando à História política:

Fim do século XVIII: ocorre outra ruptura histórica. Fustigado pelo Iluminismo, o Absolutismo entra em crise. Vem a Grande Revolução Francesa. Lembremos aqueles dias memoráveis, a grande convulsão social, "a liberdade guiando os homens", como fixou o famoso quadro do pintor David.

Depois vem o terror, com Robespierre, Danton e Marat. Toda Europa monárquica coliga-se contra a França revolucionária. A revolução periclita. Surge então um homem que vai salvá-la: Napoleão Bonaparte, homem simples, filho do povo, general aos 26 anos. Estava fadado a se tornar imperador. Começa a epopéia napoleônica que dá nova orientação política à França.

Inicia-se então a Idade Contemporânea:

Esta foi caracterizada principalmente pela Revolução Industrial, que não foi política, mas sim tecnológica. Iniciada na Inglaterra — o país mais rico naquela época, onde o capitalismo estava mais desenvolvido, a burguesia era esclarecida e estimulava as invenções — caracterizou-se pela introdução da máquina que substituiu a força humana e a animal.

Ocorre uma revolução nos transportes, a ciência se desenvolve. Surgem as fábricas e com elas um novo tipo de capitalismo: o industrial. No outro extremo surge também uma nova classe social: o proletariado. A Revolução Industrial espalha-se pela Europa e força o velho continente a empreender uma nova corrida

imperialista: a busca de matérias-primas baratas na África e na Ásia. No outro lado do mundo, nas Américas, os Estados Unidos surpreendem o mundo pelo seu grande desenvolvimento econômico e crescimento territorial, enquanto os países latino-americanos permanecem quase estagnados.

Voltando ao pensamento histórico elaborado na época, vamos encontrar Hegel.

Para ele, pensador vigoroso, a História do mundo é a manifestação do espírito do absoluto que se realiza no tempo como espírito humano. Sua natureza essencial é a liberdade, mas sua aplicação só é possível quando um povo tem a consciência de sua missão e passa a dominar, em determinada época, outros povos. Eles apenas representam a manifestação desse espírito.

As guerras, os morticínios, fazem parte do processo de autorealização do espírito absoluto. As paixões humanas são o princípio dinâmico da História.

Para empreender grandes ações, rupturas históricas ele utiliza certos indivíduos que são chamados de heróis. O grande homem não é o pai da História, é apenas o parteiro, visto que o fato foi concebido pelo ventre materno do "Zeitgest" ou seja, o espírito da época. A sua visão dialética, que considerava toda situação histórica como transitória devido ao choque dos contrários, encontrou em Karl Marx um intérprete extremado. Para ele, o fator econômico é importantíssimo, é a infra-estrutura econômica que determina a super-estrutura e o motor da história são as lutas de classe. É uma visão evolucionista do desenvolvimento histórico. Influenciou profundamente o pensamento histórico contemporâneo ao lado da corrente dos Annales de que falaremos adiante.

São dignos de menção ainda Saint Simon e Prodhon, grandes utopistas.

Merece registro ainda o surgimento da Sociologia como ciência autônoma. Augusto Conte, pai da Sociologia, no seu livro "Curso de Filosofia Positiva", lança as bases da ciência; Durkeim, fundador da escola de Sociologia francesa, autor de "As Regras do Método Sociológico". Spencer, Le Play, Pearson e o grande Max Weber desenvolvem as suas bases teóricas. Darwin passa a influ-

enciar o pensamento histórico com sua teoria da evolução assim como Malthus com suas idéias. Von Ratzel e Karl Ritter com suas teorias do Determinismo Geográfico também influenciaram. Finalmente, no campo da Economia, registramos Adam Smith em "A Riqueza das Nações", onde afirma que o trabalho é a fonte de toda riqueza.

Século XX

O grande progresso das Ciências, da Medicina, da Tecnologia, acenava para o homem europeu e, por extensão a todo o mundo, o início de uma era de contínua prosperidade e bem-estar. Mas tudo foi um sonho. Disputas econômicas entre as grandes potências imperialistas da Europa levaram o mundo a uma guerra. Principalmente a rivalidade industrial entre a Inglaterra e a Alemanha. Foi a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Ela marcou o fim da "Belle Epóque". Guerra terrível, que deixou a Europa enfraquecida e empobrecida.

Significou o fim do império alemão, do austro-húngaro, do império turco e do império russo. A guerra ensejou condições para que os revolucionários russos derrubassem a monarquia (1917) e instalassem o primeiro governo socialista da História.

Entre as conseqüências da guerra, lembremos a grave crise econômica (1929), o desemprego, a inquietação da juventude e o início do movimento feminista.

Entrementes, a Rússia vive uma experiência inédita na História, consegue consolidar o primeiro Estado socialista, vencendo o chamado cerco capitalista.

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) foi uma conseqüência da primeira, principalmente devido aos erros do Tratado de Versalhes (1919).

As ideologias totalitárias medraram com vigor. A direita com Hitler e Mussolini e a esquerda com Stalin.

Nazismo, Fascismo, Comunismo, Democracia, todos em luta, guerra terrível, milhões de mortos. Ela marca ainda mais o declínio da Europa.

A nova realidade do mundo é a Guerra Fria, o mundo dividido entre o ocidente capitalista, liderado pelos Estados Unidos e o bloco oriental-comunista, liderado pela URSS.

Na África e na Ásia as antigas colônias se libertam do jugo colonial. O comunismo empolga e seduz o mundo. A velha China torna-se comunista (1949). A expansão do Comunismo, porém, é detida em duas guerras: a da Coréia (1952) e a do Vietnã (1972). Vive-se a chamada Guerra Fria, CAPITALISMO X COMUNISMO, DEMOCRACIA X TOTALITARISMO.

No campo do pensamento histórico teríamos que assinalar a contribuição de Oswald Spengler, que escreveu em 1920 "A Decadência do Ocidente". Ele preconizava o estudo da História através das culturas. Para ele cada cultura passa por um ciclo vital: nascimento, crescimento e declínio. Ele vê na cultura européia evidentes sinais de declínio.

Arnold Toynbee, historiador e filósofo, em "Um Estudo de História" diz quando uma sociedade se torna uma civilização, não é devido ao fator racial e nem ao meio geográfico. É necessária a presença de uma minoria criativa e um meio ambiente razoável. Esse meio ambiente desafia a sociedade e esta responde com êxito. Surge novo desafio e nova resposta. Há uma evolução. Na fase do declínio, esta sociedade não responde mais aos desafios.

Devemos ainda assinalar as contribuições de R. G. Collingwood e Geoffrey Barradough, teóricos da história.

A História Nova

Não podemos deixar de fazer uma referência às novas tendências do pensamento histórico que brotaram do movimento dos "Annales", que produziu a chamada "História Nova".

Este movimento, que se desenvolveu na França, iniciou-se neste século e tomou grande impulso a partir de 1929, com a publicação da Revista dos Annales que congregava uma brilhante equipe de historiadores, sociólogos e antropólogos. Este grupo, no princípio, estava chefiado por Mac Bloc e Lucien Febvre. (1929 – 1945) e por Fernand Braudel (1946 - 1969).

Suas principais características:

1 - Crença no caráter científico da História;
2 - Contacto com as Ciências Sociais;
3 - Abandono de uma História centrada em fatos isolados, irrepetíveis;
4 - Desprestígio das fontes escritas e uso da história oral, vestígios arqueológicos e iconográficos;
5 - Preocupação com a contemporalidade dos acontecimentos;
6 - A preocupação com o espaço — geografia humana.

O conceito do "tempo de longa duração" de Braudel tornou-se muito importante. A visão da filosofia e da teologia foi substituída pela visão das ciências sociais que é atemporal. Passado presente e futuro não têm importância. O importante é identificar as estruturas sociais da sociedade.

Dominada por um tempo teleológico, a história tradicional enfatizava o acontecimento, os grandes momentos, a história acontecimental, dos grandes líderes. Visava o particular, era comemorativa, etc.

A historiografia dos Annales é não-acontecimental, procura ver as estruturas da sociedade, a resistência às mudanças, a ordem social, as necessidades sociais, repetitivas, etc.

O historiador passa a estudar o homem comum e não o líder, passa a abordar as realidade humanas. Os documentos pesquisados devem se referir à vida cotidiana das pessoas. Os documentos importantes para o historiador não são mais as leis, decretos imperiais, mas sim, listas de preços, de salários, de trabalho etc. Ele utiliza fontes dos estudos das Ciências Sociais.

A importância da heurística diminuiu. O princípio de que "sem documentos não há história", foi substituído por outro, "sem problema não há História". É o problema e não o documento que está na origem da pesquisa.

A História problema está ligada à reconstrução do tempo histórico produzido pelos Annales. O tempo é compatível com a História narrativa e incompatível com a História problema. A História não é mais apresentada como um progresso. Ela não possui

uma direção linear final, uniforme. Ela é cíclica. O conceito herodotiano de tempo foi quase desprezado.

Se o leque de interesses aumentou, por outro lado perdeu-se a visão de conjunto.

Julga-se impossível elaborar uma história geral. O pesquisador volta-se para temas do cotidiano. Surgem então trabalhos como a história do amor, a história do ócio, etc.

Concluindo podemos dizer que o imenso prestígio da cultura francesa, da sua historiografia, irradiou-se para os maiores centros do mundo. Mas, a morte dos grandes mentores da escola dos Annales e as transformações econômicas e políticas ocorridas no mundo, provocaram uma diminuição do seu prestígio.

Atualmente a História Política, a História Econômica e as biografias voltam a ser valorizadas. Trabalhos como o de Eric Hobsbawn (*A Era dos Extremos*) ganham aceitação junto aos meios acadêmicos e principalmente junto ao grande público.

Voltemos à História política: a URSS em 1989, envolvida por uma grave crise econômica, enfraquecida pelas contradições internas e pelos anseios de liberdade de seu povo, pressionada pelo poderio militar do ocidente e carente de uma firme liderança, implode! As forças conservadoras mundiais vencem a batalha e a guerra. Termina assim a experiência socialista.

O Capitalismo volta a dominar o mundo. Na sua nova feição, o neoliberalismo, prega a diminuição das funções do Estado, a livre iniciativa, a concorrência comercial e o individualismo. As grandes multinacionais se agigantam. O Capitalismo financeiro internacional envolve o mundo num abraço. Aumenta a distância entre os ricos e pobres. As nações se unem em blocos econômicos para enfrentar os novos desafios.

Enquanto isso, presenciamos grandes transformações sociais: a nova posição da mulher, a aceitação dos direitos das minorias e o surgimento de uma consciência ecológica, preocupada com a degradação do meio ambiente e com o futuro do planeta Terra.

O progresso das Ciências e da Tecnologia tem sido imenso, especialmente no campo das comunicações. Os satélites e o com-

putador são os símbolos de nossa época. Como será o mundo do futuro? Estamos às portas do terceiro milênio. O relógio da História breve marcará uma importante hora: o início de um novo século e de um novo milênio! Vivemos o entardecer do segundo milênio, assim nos diz o calendário cristão, este calendário que a Europa impôs ao resto do mundo. A cronologia, ciência auxiliar da História, nos lembra a inexorável contagem do tempo!

Senhor presidente, senhores sócios:

Esta noite é de alegria para mim, e também de reflexão. Chego aqui depois de uma longa caminhada, mas ainda cheio de idealismo e esperança. Trago minha visão do mundo e da História.

Evoco neste momento a figura de meu pai Eudes, de minha mãe Oscarzinha, de quem recebi muitas lições e de minha querida avó, Dona Nana Coelho, mulher extraordinária que me ensinou a diferença entre o bem e o mal; minha esposa Lourdes, a companheira amiga, em quem encontrei a compreensão e o apoio para vencer os obstáculos; meus queridos filhos Elmo Junior, Oscar e Cláudio, Ana Lúcia e Ana Célia, fonte de inspiração e razão de minha vida; meus netos, doce alegria e encantamento de minha vida e minhas noras e meu genro, a amizade.

Meus agradecimentos àqueles que assinaram minha proposta para este Instituto. Quero expressar meu reconhecimento especial aos ilustres sócios, general Tácito Teófilo Gaspar de Oliveira, Marcelo Linhares, José Cláudio de Oliveira e Fernando Câmara que muito me apoiaram. Estendo finalmente meus agradecimentos a todos que contribuíram para a minha eleição, o que me permitirá trabalhar e aprender muito mais.

Agradeço as palavras elogiosas proferidas pelo nobre companheiro Caio Lóssio Botelho, pessoa a quem muito admiro pela inteligência, pela cultura e pelo caráter.

Estou feliz também em ser mais um representante de Sobral neste sodalício, ao lado do eminente pesquisador Padre Sadoc de Araújo.

Reafirmo meu compromisso de empregar todos os meus esforços no sentido de engrandecer e fortalecer esta centenária Instituição.

Dirijo as minhas últimas palavras ao Instituto do Ceará, ao seu futuro. Nós, estudiosos da História, somos muito influenciados pelo tempo, pela cronologia. O calendário nos diz que estamos nos umbrais de um novo século, de um novo milênio.

Somos, então, tentados a fazer vaticínios. Não farei aqui predição sobre o futuro de nossa civilização. Falarei apenas sobre o futuro desta Casa.

Vaticino que este Instituto, nos próximos anos, crescerá e se tornará um grande centro de estudos onde não só a HISTÓRIA (lembremos que o historiador estuda o passado para melhor entender o presente) mas também a GEOGRAFIA (lembramos que o Ceará está localizado no semi-árido com todos os seus problemas) e a ANTROPOLOGIA (lembramos nossa cultura em todas suas manifestações, o "cearencismo") terão condições de ser estudadas ainda mais profundamente.

Crescer é um imperativo!

O Instituto, que já produziu um trabalho imenso em favor do Ceará e do Nordeste, com tantos estudos e pesquisas (basta consultar sua revista para fazer esta constatação), com a ajuda da informática e de outros recursos da moderna tecnologia, poderá se tornar um Instituto de altos estudos, uma Instituição de referência, especializada em assuntos do Ceará e do Nordeste.

Isto exigirá grande esforço, mobilização de vontades e recursos, ousadia e determinação.

Acredito nessa possibilidade, porque valores aqui temos. Que esta Casa, de tantas tradições, cujas paredes vetustas guardam velhos retratos de historiadores e beneméritos, estantes com livros e documentos raros, salões que testemunharam tantos discursos com suas lições de sabedoria, nos inspire na busca desses novos caminhos e que a tradição se case com o progresso, o velho com o novo e o entardecer com a alvorada.

Amando o CEARÁ, amando o BRASIL.

Muito obrigado.

Posse do Professor Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos